



## CONTRIBUIÇÕES DO CURRÍCULO NAS RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIAS E ESCOLAS<sup>1</sup>

**Larissa Taís Seibt<sup>2</sup>, Vidica Bianchi<sup>3</sup>, Eva Teresinha de Oliveira Boff<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido na disciplina de Alternativas Curriculares Emancipatórias nas diferentes áreas dos saberes: reflexões epistemológicas do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, Unijuí.

<sup>2</sup> Bolsista Capes; mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí; e-mail: larissa.seibt@sou.unijui.edu.br

<sup>3</sup> Professora do Departamento de Ciências da Vida e do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. E-mail: vidica.bianchi@unijui.edu.br

<sup>4</sup> Professora do Departamento de Ciências da Vida e do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí. E-mail: evaboff@unijui.edu.br

### INTRODUÇÃO

Muito se fala sobre a importância do currículo no campo da educação. Trata-se de um instrumento muito poderoso, capaz de orientar, assim como de transformar diferentes realidades. Cada teoria sobre o currículo possui a sua definição do mesmo, e Silva (2011), autor que abrange em sua obra uma síntese das teorias mais importantes do currículo, afirma que ele é “saber, poder e identidade” (Silva, 2011, p. 145). Tal definição nos fornece uma prévia de sua influência no meio que ele abrange.

Com isso, entende-se que o currículo também apresenta influência sobre as relações estabelecidas entre a Escola e a comunidade, principalmente com as famílias. Essa relação entre escola e família que desempenha um importante destaque no desenvolvimento favorável do indivíduo, se cada uma dessas instituições desempenhar o seu papel (Reis, 2022). Assim, o currículo possui a capacidade tanto de refletir, quanto de moldar essas relações. Isso pois, ele se trata de uma construção cultural e social, e com isso carrega reproduções que influenciam diretamente nas dinâmicas entre a escola e seu meio, assim como no desenvolvimento de identidades dos indivíduos (Silva, 2011).

Tomaz Tadeu da Silva, fundamentado também em outros autores, disserta sobre a necessidade de desenvolver um currículo inclusivo, que não perpetue desigualdades sociais, e que possa, a partir de sua ação, realmente fazer a diferença (Apple, 2008; Bourdieu e Passeron, 2014; Silva, 2011). Pensar criticamente sobre algumas teorias do currículo, também pode significar olhar para as relações entre a escola e as famílias que ele vem a estabelecer.

Assim, considerou-se a seguinte pergunta para o presente estudo: Que influências o desenvolvimento do currículo pode exercer na relação entre famílias e escola? E o objetivo é



de refletir sobre essas dinâmicas relacionais, entre família e escola, com base nos pensamentos de alguns importantes autores do currículo.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo trata-se de uma breve síntese de conteúdos abordados e trabalhados na disciplina Alternativas Curriculares Emancipatórias. Portanto, a metodologia utilizada é de cunho bibliográfico e em sentido exploratório, a fim de culminar em reflexões acerca do tema. As referências aqui utilizadas são de base da disciplina, e o objetivo consiste em observar as algumas ideias de autores como Tomaz Tadeu da Silva, fundamentado por Michael Apple, Henry Giroux, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, dentre outros, para pautar uma reflexão sobre a influência do currículo nas relações entre a escola e as famílias.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O currículo guia a forma com que a Escola se posiciona e se relaciona com o meio. Por isso, é possível ver tantas críticas ao currículo que venha a propagar desigualdades sociais, e se tem a busca por modelos que sejam mais inclusivos e que atendam às necessidades latentes da educação e do meio educacional.

Além disso, por ser um guia fundamental dentro da Escola, o currículo também irá, de certa forma, ditar algumas relações estabelecidas, como a relação entre a escola e as famílias. Essa relação por vezes é bastante superficial e outras mais ampla, isso diz respeito à forma como cada instituição se organiza, mas também está pautado a partir do currículo. Por exemplo, a educação básica possui uma maior inserção familiar em sua base curricular, por compreender a importância dessa relação. Assim, o site da Base Nacional Comum Curricular, pontua que:

Assume-se, portanto, que as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica terão como fundamento essencial a responsabilidade que o Estado brasileiro, a família e a sociedade têm de garantir a democratização do acesso, inclusão, permanência e sucesso das crianças, jovens e adultos na instituição educacional, sobretudo em idade própria a cada etapa e modalidade; a aprendizagem para continuidade dos estudos; e a extensão da obrigatoriedade e da gratuidade da Educação Básica (Brasil, 2024).

Com isso, se tem a definição de que educar não é especialidade de nenhuma das instituições citadas isoladamente, mas sim de ambas. Portanto, está claro que a ideia aqui



expressa da importância da inserção da família na relação com a escola está na complementariedade, e não na superioridade, na interferência negativa, até porque isso vai contra o objetivo principal, que é o benefício dos alunos.

Outro ponto que Silva (2011) disserta são as teorias que buscam o currículo para transformação social, como algo libertador. Com isso, pode-se pensar que a família e a comunidade também podem vir a integrar os agentes dessa transformação, para a criação de identidades autônomas, críticas, reflexivas. Por isso esse movimento de ampliar a rede da Escola pode ser tão importante, para reforçar tais objetivos.

Silva (2011) destaca ideias de autores como Bourdieu e Passeron, que afirmam que o currículo se torna um instrumento de reprodução cultural. Essa reprodução se dá pelas culturas dominantes, assim, grupos mais abastados da sociedade possuem maior capital cultural, conseqüentemente detêm maior influência sobre o currículo, originando exclusão e desigualdade em relação ao capital cultural de grupos menos privilegiados.

Ao se refletir sobre esse fenômeno nas relações entre família e escola, reflete-se que famílias detentoras de maior capital cultural, integrantes dos grupos dominantes, terão maior facilidade de se inserir no contexto escolar dos filhos, de compreender, de solicitar e compreender informações. Já as demais, terão maior dificuldade nesse contato e nem sempre compreenderão seu papel junto da escola, já que o capital cultural transmitido não diz respeito aos seus valores e experiências. A ideia, portanto, é que as crianças – e as famílias – tenham as mesmas oportunidades frente à cultura representada no meio escolar, para que ambas possuam a autonomia de compreendê-la e, conseqüentemente, a capacidade de também transformá-la e por ela ser transformado.

Reflexivamente, tem-se que alguns níveis escolares se beneficiam ainda mais de uma relação ativa e positiva entre a escola e as famílias, como é o caso da educação infantil (Brasil, 2024). Essa é uma fase em que a criança aprende e pratica o que aprendeu constantemente, diariamente, como consta em Piaget (1967). Com isso, entende-se que, tanto a Escola, como a Família, serão os principais responsáveis pelo que a criança aprende e desenvolve nesse período, isso pois, teoricamente, ela passará um importante tempo de seu dia em ambas as instituições. Com isso, percebe-se a importância de que os objetivos, assim como as formas de ensino e também de reprodução de ambas esteja alinhado.



Silva (2011) cita Giroux ao afirmar que o currículo é muito mais que uma transmissão de fatos e conhecimentos, mas um instrumento de criação de significados, dando voz também ao seu público. A sua ideia é promover a justiça social, tornar a educação inclusiva. O que, teoricamente, vem a incluir as famílias no processo de discussão no currículo investido atualmente. Ainda, Apple (2008), em parte de sua obra, também citado por Silva, enfatiza que a educação deve ser pensada relacionalmente, sendo um processo de co-responsabilidade, pensando na sociedade que ela integra. Tais ideias dão ênfase ao assunto que vem sendo discutido, no quanto se torna fundamental ter um currículo inclusivo e uma interação ativa entre a escola e a comunidade a qual ela se estende.

Por mais que essa interação entre escola e família seja importante, ao se considerar que o aluno não é um indivíduo isolado, mas sim uma parte integrante e reflexiva dos grupos que ele ocupa, ela também pode ser complexa. Ainda fica pouco claro como essa dinâmica pode e deve ocorrer, e dificilmente encontram-se orientações para isso. Portanto, é importante que o currículo adotado também possa conter um espaço que dê mais protagonismo e “voz” ao seu público envolvido, que contenha atividades que englobem as famílias, que estabeleça os limites dessa interação (para que cada instituição também possa focar no papel que lhes cabe), que ofereça oportunidades de inclusão de ideias e opiniões de ambas instituições, dentre outras questões a serem integradas. Tendo esses pontos melhor estabelecidos, mais fácil pode se tornar essa colaboração, ampliando as chances de sucesso na influência positiva em seu público alvo, os alunos, e no benefício de sua educação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se claro a forte influência que o currículo tem e pode ter sobre as relações entre a escola e as famílias. Sendo um campo importante a ser explorado e orientado, a fim de que essas interações possam ser majoritariamente positivas, o que pode ser um claro objetivo a ser incluído e buscado no currículo atual.

Essa é uma discussão que ainda pode se estender e beber de várias teorias, e também de várias fontes, não somente da Pedagogia, como da Psicologia. Por ora, o que se pode saber é que a busca por um currículo mais igualitário também significa um melhor englobamento das dinâmicas de interação escola-família, ao permitir que tanto as famílias de todos os grupos sociais tenham acesso à escola, como a escola também tenha acesso a essas famílias.



Ainda, infelizmente, não se tem muita menção direta dos autores ao refletirem sobre a importância do currículo no tema interacional entre essas duas instituições, portanto muito se utiliza da interpretação indireta. Pode ser importante desenvolver estudos bibliográficos mais extensos e aprofundados, além de novos estudos e pesquisas desenvolvidas diretamente com esses públicos, para que possamos ter melhores informações de como essa interação ocorre e como pode melhor ocorrer, nos ofertando mais “guias” nessa importante e complexa tarefa de construir identidades.

**Palavras-chave:** Influência. Educação. Relações. Currículo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, Michael W. Repensando ideologia e currículo. In A. F. Moreira & T. T. Silva (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade** (pp. 39-57). 10 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2024. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/204-relacoes-familia-escola-em-busca-de-um-projeto-de-educacao-infantil-democratico?highlight=WyJlc2NvbGEiLCJjb211bmlkYWWRllo=>. Acesso em 10 jun 2024.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

REIS, Catarina I. S. **A relação escola-família**. Tese de Doutorado, 2022. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/42079>. Acesso em 03 set 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: Uma Introdução às Teorias do Currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.